

Mercado S/A



AMAURI SEGALLA
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

«Crianças e jovens também terão acesso a conteúdos questionáveis, e não é difícil imaginar o impacto que isso terá na vida das pessoas»

McDonald's recua em políticas de diversidade

Mais uma corporação global cancelou seus programas de diversidade. A rede McDonald's vai parar de pedir a fornecedores que se comprometam com políticas de equidade, além de retirar-se de pesquisas externas que calculam os índices de diversidade corporativa. Empresas como Google, Microsoft e Walmart seguiram pelo mesmo caminho. Elas estão em sintonia com o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, que prometeu erradicar do governo as práticas voltadas para a promoção da diversidade.

Caixa e bancos privados aumentam taxas de crédito imobiliário

Com os juros nas alturas — sem sinal de que deverão cair no futuro próximo —, a tendência é de que fique mais difícil comprar um imóvel em 2025. Principal motor desse mercado, a Caixa anunciou o aumento dos juros para o crédito imobiliário. A linha de crédito corrigida pela TR, que tinha taxas a partir de 8,99%, iniciará agora em 10,99%. Já a linha ajustada pela poupança terá juros iniciais de 4,12%, ante 3,10%, anteriormente. Instituições privadas também estão aumentando as suas taxas.

Getty Images e Shutterstock se unem em resposta à era da inteligência artificial

O avanço notável dos recursos da inteligência artificial, capazes de gerar imagens a partir de comandos dados por humanos, obrigou duas das maiores empresas de fotografia do mundo a unir forças para enfrentar a nova realidade. Ontem, a Getty Images e a Shutterstock anunciaram a fusão de suas operações. O acordo dará origem a uma gigante com valor de mercado de US\$ 3,7 bilhões e receitas anuais de US\$ 2 bilhões. Com a parceria, as empresas planejam reduzir custos e aumentar a lucratividade.

Meta opta por caminho perigoso ao enfraquecer combate à desinformação

A decisão da Meta, dona do Facebook, Instagram e WhatsApp, de acabar com o sistema de checagem de fatos e reproduzir o modelo adotado pelo X (antigo Twitter) — bem mais permissivo com todo tipo de conteúdo, seja político ou comportamental — levanta preocupações sobre o que poderá ser publicado nas redes sociais da empresa. Significa que está tudo liberado, inclusive, postagens que incitam a violência ou disseminam preconceitos? É permitido espalhar informações falsas? Para os defensores da ideia, não custa lembrar: crianças e jovens também terão acesso a conteúdos questionáveis, e não é difícil imaginar o impacto que isso terá na vida das pessoas. A justificativa da Meta, de que sistemas complexos de moderação resultaram em censura excessiva, parece mais um discurso político do que uma explicação razoável. Ao enfraquecer as suas defesas contra a desinformação, a companhia abre um caminho perigoso.

Sebastien Bozon/AFP



Os algoritmos das redes sociais são como espelhos que refletem o pior de nós"

Tristan Harris, cientista da computação americano e ex-funcionário do Google

Abby Hall/AFP



RAPIDINHAS

» O mercado de bets está prestes a iniciar uma fase de consolidação. Nesta semana, a Multibet, empresa do grupo mineiro Multicap, comprou a rival Elisa.bet, e admitiu que novas aquisições deverão ocorrer nos próximos meses. Registre-se que, desde 1º de janeiro, apenas 66 das 10 mil bets que existiam no Brasil foram liberadas para atuar no país.

» A empresa de sucos Tial adquiriu, por valores não revelados, a empresa Do Bem, que pertencia à cervejaria Ambev. Fundada em 2009, a Do Bem é especializada na produção de bebidas sem conservantes. A Tial tem uma história curiosa: ela foi fundada dentro da Universidade de Viçosa, em Minas Gerais, por um professor.

» Agora é oficial: o Brasil encerrou 2024 com a marca recorde de 6,6 milhões de turistas estrangeiros, o que representou um avanço de 13% em comparação com 2023, conforme dados da Embratur. Os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul foram as principais portas de entrada dos visitantes do exterior.

» As pequenas e médias empresas movimentaram R\$ 4,7 bilhões no comércio on-line em 2024, um acréscimo de 42% em relação a 2023. De acordo com a plataforma de comércio eletrônico Nuvemshop, o volume de itens vendidos cresceu em ritmo maior — os 73 milhões de produtos representaram um aumento de 31% ante o ano anterior.

R\$ 209,2 bilhões

foi a soma da arrecadação federal em novembro. Segundo a Receita Federal, trata-se de um crescimento real (descontando a inflação do período) de 11% versus o mesmo mês de 2023

ECONOMIA

Os desafios do BC em 2025

Juros, inflação e alta dos combustíveis preocupam o governo. Especialistas apontam outros fatores que podem influenciar

» FERNANDA STRICKLAND

O cenário econômico brasileiro é desafiador para as autoridades, com a inflação resistente, o aumento nos preços dos combustíveis e os sinais ambíguos do Comitê de Política Monetária (Copom) sobre o futuro da taxa Selic. A decisão recente do Banco Central de elevar os juros para 13,25% ao ano reflete a preocupação com a persistência da alta de preços. Especialistas alertam que a política monetária pode enfrentar obstáculos adicionais diante da tributação sobre combustíveis e da conjuntura internacional.

A sinalização do Copom sobre os próximos passos da Selic gerou interpretações diversas no mercado financeiro. Segundo o economista e sociólogo Vinicius do Carmo, a comunicação do Banco Central manteve um tom condicional ao projetar um novo aumento na próxima reunião, indicando que a decisão não está completamente definida.

"O comunicado do Copom apresenta sinais ambíguos sobre a continuidade do ciclo de alta dos juros. Embora reforce a necessidade de uma política monetária mais contracionista diante da resiliência da atividade econômica e da desancoragem das expectativas de inflação, o tom condicional utilizado ao projetar um novo aumento na próxima reunião sugere que a decisão não está completamente definida", analisa.

Essa incerteza pode gerar insegurança entre investidores e empresários, afetando a credibilidade da política monetária. Carmo também destaca um fator de risco pouco enfatizado pelo Banco

Central: o impacto do reajuste do ICMS sobre combustíveis.

"A tributação estadual mais elevada tende a aumentar o custo do transporte e da produção, gerando um efeito de segunda ordem sobre os preços e dificultando a convergência da inflação para a meta. Isso pode frustrar os planos do Copom de encerrar o ciclo de alta dos juros, tornando necessária a manutenção de uma Selic elevada por mais tempo", alerta o economista.

Obstáculos

O professor César Bergo, especialista em mercado financeiro da Universidade de Brasília (UnB), aponta que a inflação segue sendo um desafio significativo, impulsionada não apenas pelos alimentos, mas também pelo preço dos combustíveis. Segundo ele, apesar de uma aparente estabilidade no câmbio e no preço do petróleo no mercado internacional, os reajustes internos podem continuar pressionando os índices de preços.

"O foco do Banco Central é o combate à inflação, mas alguns fatores estão tornando essa missão bastante difícil. Uma delas é a questão dos preços, não só dos alimentos, mas também dos combustíveis. Entramos numa fase em que há um certo equilíbrio no preço do dólar e do petróleo, o que pode ajudar a reduzir essas pressões nos próximos meses. No entanto, o Banco Central já precificou um novo aumento da Selic de 1% na próxima reunião", destaca.

A inflação no país continua acima da meta estabelecida pelo Banco Central. A previsão é que

Ed Alves/CB/D.A.Press



Decisão do Banco Central de elevar os juros para 13,25% ao ano reflete cenário atual

feche 2025 em 5,5%. A alta nos preços das tarifas de transporte urbano e a persistência do encarecimento dos alimentos contribuem para esse quadro, tornando difícil a adoção de uma política monetária menos restritiva.

Bergo lembra que o cenário internacional adiciona desafios extras à economia brasileira. A postura do Federal Reserve (Fed),

banco central dos Estados Unidos, em manter as taxas de juros elevadas limita as possibilidades de flexibilização da política monetária no Brasil.

"As novas políticas implementadas pelo governo Trump e a resistência do Federal Reserve em reduzir as taxas de juros criam um ambiente instável para os mercados emergentes.

Esse cenário faz com que o Banco Central adote uma política cautelosa e prudente. A redução da Selic não está no radar, pelo menos no primeiro semestre de 2025", conclui.

Controle

Outro fator determinante para a política monetária e o

comportamento da inflação é a taxa de câmbio. O professor Benito Salomão, da Universidade Federal de Uberlândia, aponta que a valorização do real pode ser um fator positivo para aliviar a pressão inflacionária nos próximos meses.

"A expectativa é que a ata do Copom traga as preocupações com a resiliência da inflação e o impacto da alta dos combustíveis, mas há um fator que pode ajudar a controlar os preços: o retorno da taxa de câmbio para o patamar observado antes do fim do ano", avalia.

Caso o real se fortaleça frente ao dólar, os preços de produtos importados e insumos industriais podem registrar queda, o que contribuiria para amenizar a inflação e reduzir a necessidade de novas altas na Selic. No entanto, essa variável está atrelada a fatores externos, como a política monetária dos Estados Unidos e a confiança dos investidores na economia brasileira.

O cenário econômico para os próximos meses segue incerto. A inflação segue pressionada por reajustes em itens essenciais, enquanto o Banco Central mantém uma postura rígida para conter os preços. A Selic elevada encarece o crédito e desacelera o consumo, afetando diretamente a atividade econômica. O comportamento da taxa de câmbio será um fator crucial para determinar os rumos da inflação e da política monetária. Caso o real continue fraco, o impacto dos produtos importados seguirá pressionando os preços. Por outro lado, uma valorização da moeda brasileira poderia abrir espaço para um alívio nos juros.